

V. 04, N.22 Jul./Ago. 2023

RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINAR E APRENDER DIANTE DA COVID-19: A EDUCAÇÃO BÁSICA NO PARANÁ NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA E SOLIDÁRIA

EXPERIENCE REPORTS ON TEACHING AND LEARNING IN THE FACE OF COVID-19: BASIC EDUCATION IN PARANÁ FROM AN INCLUSIVE AND SUPPORTIVE PERSPECTIVE

RELATOS DE EXPERIENCIA SOBRE ENSEÑAR Y APRENDER ANTE COVID-19: LA EDUCACIÓN BÁSICA EN PARANÁ DESDE UNA PERSPECTIVA INCLUSIVA Y SOLIDARIA

Tiago Eurico de Lacerda

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-8641-6984>

Resumo: A educação básica no Paraná enfrentou instabilidades com a COVID-19, como em todo o Brasil e mundo. As práticas atuais e a gestão educacional não amenizaram os impactos da pandemia. Milhões foram gastos para acessar o máximo de estudantes, mas sem sucesso concreto. Durante a quarentena, professores orientados pela SEED passaram atividades em excesso para ocupar o ócio dos alunos, uma estratégia que revelou-se ineficaz. Essa abordagem reflete uma educação bancária, contra a qual nos posicionamos, seguindo Paulo Freire. Propomos uma educação dialógica, considerando a realidade social e a conexão na nova realidade educacional virtual, o ciberespaço. Essa realidade pode ser inclusiva ou excludente, dependendo da visão do professor. Precisamos de uma educação dialógica, solidária e afetiva que reflete a importância da comunicação, empatia e solidariedade neste século.

Palavras-chave: Educação Básica. Inclusão. Educação Solidária. Covid-19.

Abstract: Basic education in Paraná faced instabilities with COVID-19, as in all of Brazil and the world. Current practices and educational management did not alleviate the pandemic's impacts. Millions were spent to reach as many students as possible, but without concrete success. During the quarantine, teachers guided by SEED assigned excessive activities to occupy students' leisure time, a strategy that proved ineffective. This approach reflects a banking education, against which we stand, following Paulo Freire. We propose a dialogical education, considering social reality and connection in the new virtual educational reality, cyberspace. This reality can be inclusive or exclusive, depending on the teacher's vision. We need a dialogical, supportive, and affectionate education that reflects the importance of communication, empathy, and solidarity in this century.

Keywords: Basic Education. Inclusion. Solidarity Education. Covid-19.

Resumen: La educación básica en Paraná enfrentó inestabilidades con la COVID-19, como en todo Brasil y el mundo. Las prácticas actuales y la gestión educativa no aliviaron los impactos de la pandemia. Se gastaron millones para alcanzar a la mayor cantidad de estudiantes posible, pero sin éxito concreto. Durante la cuarentena, los profesores orientados por SEED asignaron actividades en exceso para ocupar el ocio de los alumnos, una estrategia que resultó ineficaz. Este enfoque refleja una educación bancaria, contra la cual nos posicionamos, siguiendo a Paulo Freire. Proponemos una educación dialógica, considerando la realidad social y la conexión en la nueva realidad educativa virtual, el ciberespacio. Esta realidad puede ser inclusiva o excluyente, dependiendo de la visión del profesor. Necesitamos una educación dialógica, solidaria y afectiva que refleje la importancia de la comunicación, empatía y solidaridad en este siglo.

Palabras-clave: Educación Básica. Inclusión. Educación solidaria. Covid-19.

INTRODUÇÃO

O presente artigo nasce de uma vivência diária em sala de aula da educação básica no Estado do Paraná. Nosso empenho é apresentar um texto que reflete o panorama atual da educação e os desafios encontrados no percurso do papel do educador e seus estudantes. Quando a OMS caracterizou a COVID-19 como uma pandemia, uma das primeiras preocupações foram em relação ao aglomeramento de pessoas. Um dos lugares que mais corria o risco de contágio por aglomerações é a escola, por isso iniciou-se uma gama de estratégias para poder contornar esse problema e continuar os trabalhos. Para evitar problemas, a decisão do governo foi a de fechar as escolas e aguardar a passagem do vírus, ou amenizar o quadro para voltarmos, mas isso não aconteceu, a cada dia os números de contágios aumentavam mais, então outras estratégias precisavam ser tomadas.

Na tentativa de ajudar os estudantes foram gravadas aulas e transmitidas pela tv em acordo com o governo, o mesmo fizeram com parcerias com o Google e seus aplicativos, mas como tudo era muito novo para todos, caímos numa ingenuidade, conceito que apresentaremos a partir das ideias de Paulo Freire, de acreditar que encher os estudantes de atividades aliviaria a tensão de estar em casa e eles continuariam

aprendendo da mesma forma. Mas não foi levado em consideração que a convivência “forçada” do estudante com a família em tempo integral desencadearia uma série de outras questões. Alguns começaram a trabalhar, ajudar os pais em casa, ou cuidar da casa na ausência dos pais que não pararam de trabalhar.

Não havia um tempo próprio para o estudo em casa, mesmo sabendo que deveriam se dedicar aos estudos no mesmo horário das aulas presenciais, muitos não conseguiram, pois ficar em casa possuía outras tensões e atrativos além dos estudos. Era necessário passar de uma educação bancária para uma educação que primeiro procurasse conhecer a realidade do outro e ter empatia, ou seja, ser solidário. Essa solidariedade pode ser compreendida nas novas questões enfrentadas, como por exemplo, os novos conceitos de educação virtual e cibercultura. Assim, cientes de que todos nós passamos por mudanças drásticas em nossa sociedade e nas formas de se ensinar, é preciso então ter paciência para que todos esses novos conceitos sejam assimilados.

Assmann e Mo Sung nos convidam a pensar numa Epistemologia Solidária que tem como objetivo criar condições para a construção de uma sociedade justa e solidária, pois “nós não estamos preocupados somente com a coesão e a reprodução social. A nossa principal preocupação, ao tratarmos da questão educação e solidariedade, consiste na integração ou inclusão da massa dos/as excluídos/as na vida social” (2000, p. 58). Isso é o que possibilitará que os excluídos possam viver uma vida mais digna e prazerosa.

A primeira coisa que precisamos ter em mente é que o conhecimento não é neutro, mas é influenciado por fatores sociais, políticos e econômicos. Assim, a produção e o uso do conhecimento devem ser guiados por princípios éticos e morais que promovam a justiça social e a solidariedade e não como um dispositivo que separa a sociedade entre os que “sabem” ou possuem conhecimentos técnicos dos que “não sabem” ou se utilizam de conhecimentos populares. Essa distinção é leviana e não

colabora para o desenvolvimento das nações enquanto um povo que que deseja um crescimento mútuo.

A Epistemologia Solidária também enfatiza a importância da participação ativa das comunidades no processo de produção e uso do conhecimento. Isso significa que os especialistas acadêmicos devem trabalhar em colaboração com as comunidades locais, reconhecendo e valorizando suas experiências e saberes. A rejeição dessa realidade pode ser vista como um tipo de autoritarismo que alguns professores estavam acostumados a apresentar. Mas agora, não é possível mais uma educação imperativa, ela deve ser dialogada! Esse diálogo abre novos horizontes como as mudanças nas relações entre professores e estudantes. Pois no âmbito de tantas novidades, o professor é o grande destinatário dos novos aprendizados virtuais. E muitas vezes esse ensinamento vem dos estudantes que já nasceram na bolha da internet ou mundo virtual e podem sem dúvida alguma ensinar mais que aprender.

O novo aprendizado também é sobre a mudança do espaço físico para o virtual e depois o retorno ao físico com os resquícios virtuais. Precisamos nos apropriar das relações que acontecem no ciberespaço e aprender como administrá-las sem que percamos nossa subjetividade em meio as invasões virtuais que se intensificaram nesse instante da nossa história. Assim, toda a reflexão desse artigo é sobre uma forma de inclusão e revolução das práticas pedagógicas para que a educação solidária seja efetivamente colocada em prática. Para isso é importante a comunicação, grande competência de nosso século e que agora será necessária para chegar em cada estudante como uma luz em meio às trevas da incógnita que a vida se transformou. Em meio às incertezas, há um novo projeto, abertura às mudanças!

UM BREVE PANORAMA DA SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PARANÁ COM A CHEGADA DA COVID-19

O início de 2020 foi marcado por muitas instabilidades com as notícias de uma pandemia que a princípio parecia estar longe da nossa realidade, mas que aos poucos adentrou em nosso país, em nosso Estado do Paraná e ainda nos mantém num ritmo parecido com o que vivemos na quarentena, pois os avanços na educação estão a passos lentos e numa perspectiva muito pequena de avançar, pois precisamos recuperar o que foi perdido para somente então avançar. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia que além de todas as ameaças à nossa saúde, economia, vida social, também colocou as instituições de ensino do país numa situação nunca vista antes. Gestores, professores, funcionários e estudantes não sabiam o que fazer, como proceder. A discussão girava em torno de fechar ou não as escolas e universidades. As famílias também foram pegadas de surpresa, o que fazer com as crianças em casa? Quem vai cuidar delas enquanto os pais ainda estão trabalhando? Aqui já dá para imaginar um pouco da angústia que se lastrou por todos os âmbitos da sociedade.

Outra questão importante foi o debate sobre o uso das tecnologias. Sabemos que, mesmo de forma precária, elas já estavam presentes desde a educação básica ao ensino superior nas salas de aula, mas nunca foi preciso fazer dos aparatos tecnológicos o único meio de comunicação e aprendizado, ou seja, não havia tantos professores treinados para essa tarefa, tampouco os alunos tinham o hábito de usar os celulares para estudar de forma tão reiterada. Foi o início de uma nova era na educação. Segundo a pesquisa TIC Educação 2018 sobre a conectividade na escola, “16,58% dos professores de escolas públicas urbanas utilizam o celular em atividades com os alunos, sendo que 51% fazem uso da própria rede 3G e 4G para realizar essas atividades” (CETIC, 2019), o que demonstra que as escolas

bem antes da pandemia já não tinham estrutura suficiente para a demanda de trabalhos em plataformas digitais.

Muitas vezes as escolas não possuem sequer internet para os próprios professores fazerem o lançamento das aulas e chamadas, o que acumula um trabalho para casa que é simplesmente ignorado pelos gestores educacionais, como se fosse um dever do professor possuir internet em casa para fazer algo que deveria ser feito nas horas atividades dentro da escola. Agora, imaginem um professor que queira trabalhar com os estudantes utilizando alguns recursos digitais. Se não há internet disponível para os professores, tampouco os alunos conseguem desenvolver alguma atividade, a não ser que utilizem seu próprio pacote de dados móveis, o que inviabiliza o trabalho docente.

Com chegada da COVID-19, o caos já estava posto, a solução seria encontrar uma estratégia para não deixar os estudantes, principalmente da rede básica de educação sem atividades, esta palavra “atividades” depois será melhor desenvolvida no texto. Se não bastasse, cada professor em sua casa precisaria elaborar e postar trabalhos nas plataformas que o governo escolheu. No Paraná muitos professores e estudantes não tinham sequer um plano de dados para utilizar no celular, muitos nem celular com acesso a internet possuíam. Uma boa parte dos estudantes também estariam de fora dessa proposta do governo de continuidade dos estudos. Mas uma solução foi pensada: transmitir as aulas pela televisão aberta e também utilizar um aplicativo sem que cobrasse os dados móveis dos alunos para poderem realizar as atividades. Nós, professores da rede pública estadual não tivemos sequer tempo para nos prepararmos com os estudantes para essa transição de uma sala de aula presencial para uma virtual. Mesmo assim, o governo do Paraná continuou com a tentativa de prosseguir com tal projeto.

Milhões¹ de reais foram investidos para pagamento das operadoras de telefonia móvel para que os alunos pudessem acessar as atividades sem

¹ Segundo o site da APP Sindicato “de acordo com as informações encontradas até o momento, o projeto de ensino a distância do governo já destinou para empresas privadas

custo e também para o pagamento das redes televisivas que iriam transmitir as aulas. Esse era o panorama inicial da nossa realidade educacional no Paraná, especificamente na educação básica. Enquanto isso as universidades ainda estavam decidindo o que fazer. A princípio as atividades foram interrompidas para que em diálogo com professores, gestores e estudantes encontrassem uma maneira mais eficaz de continuar com os estudos e pesquisas.

ENSINAR OU PASSAR ATIVIDADES? A INGENUIDADE DO PROFESSOR.

Continuando o relato das nossas experiências podemos agora discutir as questões didáticas e pedagógicas diante da COVID-19 e das situações abordadas acima. O professor tem um papel muito importante diante da tarefa de ensinar e para isso é preciso uma reflexão crítica sobre a prática, o que a pandemia não permitiu desenvolver. Segundo Freire “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (1996, p. 43), mas em determinado instante, a falta desse movimento dialético fez com que muitos professores despejassem sobre os alunos uma enxurrada de atividades para eles “não fiquem ociosos”. Bom, havia esse senso sobre os alunos estarem sem fazer nada em casa, mas sabemos que a casa nem sempre é o lugar do descanso e do ócio. Há nela muito trabalho e a convivência forçada entre os familiares acabava por desmotivar ainda mais os estudantes a fazerem qualquer coisa para a escola ou para si mesmos.

Freire nos adverte ainda sobre a falta de uma preparação na elaboração da prática docente, o que a torna “um saber ingênuo” onde

cerca de R\$ 24 milhões dos recursos da educação pública. Desse total, a maior parte (R\$ 21 milhões) vai para empresas de telefonia móvel, para o uso de dados pelo aplicativo Aula Paraná. Além do gasto com a emissora de televisão (TV Record), outros R\$ 300 mil vão para a IP-TV LTDA, para a construção de uma “plataforma de streaming que dialogue com as operadoras de telefonia móvel” (APP Sindicato, abril de 2020. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/tv-contratada-por-ratinho-para-ead-nao-tem-sinal-em-114-municipios-do-parana/>. Acesso em 10 de jun. de 2023).

falta a “rigorosidade metódica” (1996, p. 43). Ou seja, não cai do céu um conhecimento pronto, mas o pensar certo deve superar a ingenuidade a partir da comunhão do professor com os seus estudantes. Mas o que podemos relatar foi que a princípio isso foi ignorado. Numa aula, normalmente, nem sempre o professor deixa alguma atividade, mas na quarentena queriam a cada aula, ou a cada dia de aula, deixar uma lista de atividades para casa, resultado: cada estudante tinha pelo menos 10 trabalhos para fazerem por semana, um ritmo nunca vivenciado presencialmente, mas agora, exigido virtualmente.

Imagine a cabeça desses estudantes que lembravam que muitos de seus professores não permitiam que eles utilizassem algum aparato tecnológico durante a aula, como por exemplo, o celular, e agora o mesmo professor exige um trabalho nessa categoria. É possível que o próprio professor não estivesse se sentindo confortável com essa situação, havia uma cobrança da Secretaria de Educação, uma cobrança dos diretores, escola, familiares etc. Esta prática de passar muitas atividades foi impensada, pois não refletia racionalmente a realidade da educação. Outra questão é que muitos professores sequer permitiam o uso de celulares, agora também se tornaram refém de uma estratégia pensada a toque de caixa para amenizar a crise.

Mas fazemos aqui um questionamento: o estudante podia usar o seu celular dentro da sala de aula? Não era proibido? Sim, há uma proibição, mas como toda regra essa também possui a sua exceção. No Paraná, o Decreto nº 18.118/2014 no Parágrafo único, abre uma exceção ser for para “fins pedagógicos” (BRASIL, 2014), ou seja, desde de 2014 essa prerrogativa estava lançada para os professores, mas a proibição é mais fácil que o enfrentamento dialógico. A criação de uma prática crítica é trabalhosa, demorada, envolve empatia de ambos os lados e a educação bancária ainda é o recurso mais utilizado por muitos que não sabem sair das circunstâncias da ingenuidade segundo o pensamento de Freire.

O que precisamos fazer é iniciar nesta nova etapa de formação ou pensamento sobre a educação virtual, uma transformação interna dos nossos paradigmas sobre ensinar. Segundo o dicionário Houaiss, paradigma é “um exemplo que serve como modelo” (2010, p. 576), ou seja, precisamos de um novo modelo que responda melhor aos problemas atuais. Sobre esse assunto podemos citar as ideias do filósofo Thomas Kuhn, pois para ele, os paradigmas funcionam por determinado tempo, o que ele chama de ciência normal. Ela “é baseada no pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo” (1998, p. 24), ou seja, quando falamos de educação, imaginamos como ela funciona em seu ideal, quais seus desafios etc., mas, encontramos um “novo” desafio que não tínhamos vivenciado anteriormente, encontramos uma crise e diante dela precisávamos de novas respostas.

O momento em que nossos paradigmas entram em crise, faz surgir então uma anomalia, ou inconsistência na resolução dos problemas atuais, necessitando assim de uma revolução, no caso, substituindo os paradigmas antigos por novos modelos. Não é fácil para ninguém abrir mão de práticas que estavam dando certo anteriormente, há uma resistência por parte de alguns, mas o que fizemos com a teoria do geocentrismo quando apareceu uma explicação melhor, o heliocentrismo? Com muita resistência e dificuldade tivemos que deixar para trás aquela ideia para colocar essa outra no lugar. O mesmo precisamos fazer com as práticas educacionais, ressignificar o que é possível, abandonar as que não respondem mais com eficiência aos novos problemas.

E quando isto ocorre - isto é, quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica, então começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência. Neste ensaio, são denominados de revoluções científicas (KHUN, 1998, p. 25).

Assim, a crise atual colocou a própria prática educacional no âmbito de práticas inconsistentes, necessitando então de uma revolução interna para voltar a resolver os problemas comuns, ou seja, voltar a ser uma ciência normal. A anomalia, inconsistências encontradas modificaram diariamente a forma de lidar com as situações presentes. O modelo antigo tornou-se impotente, por isso, necessitando novas respostas, novas práticas para voltar a ser potente, eficaz. Podemos dizer que ainda buscamos meios para enfrentar esta anomalia, ou melhor, vivemos este grande momento de revolução. E aos poucos descobrimos como agir.

A ingenuidade do professor aos moldes freiriano é em relação a uma crença de que ele pode continuar sua vida e prática como sempre fez em sala de aula, mas agora num momento de crise e anomalia aos moldes de Kuhn não podemos mais fazer as mesmas coisas e esperar respostas boas, diferentes. É preciso um ato de coragem para romper as barreiras da síndrome do mesmo e agir de uma maneira diferente, não porque todos estão fazendo isso, mas porque o desafio da prática docente num caminho dialógico e crítico nos leva sempre a assimilação das mudanças significativas.

Dessa forma, ensinar, transcende o ato de simplesmente ocupar o estudante com tarefas. Para Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção, a sua construção” (1996, p. 52). Ou seja, somente uma prática pedagógica centrada num diálogo constante com as realidades dos estudantes é que nos possibilitarão uma empatia capaz de sair da ingenuidade e caminhar em direção a uma crítica e construção da nova realidade. Não podemos inibir os estudantes, mas motivá-los a estudar e a desbravar os seus horizontes que também são nossos, pois na relação de ensinar há uma fusão de horizontes e misturamos nossas experiências para mudarmos também a nós, que aprendemos da mesma forma que ensinamos.

AS NOVAS TECNOLOGIAS E A PANDEMIA, INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

A escola também “precisa atualizar-se, ser uma organização do seu tempo. Se não o fizer, será anacrônica, perderá sua atratividade e importância, não será mais do que um registro histórico nas cavernas do passado” (DIDONET, 1998, p. 29). Mas qual a linha tênue, o limite entre uma escola atualizada e inclusiva e outra que também é atualizada, mas excludente? Antes da quarentena iniciar, alguns estudantes preocupados com os boatos sobre a escola ficar fechada fizeram as seguintes indagações: “O que é e-mail? Como vou fazer alguma atividade se não tenho computador, celular, tampouco internet? Vamos ficar prejudicados por não termos acesso?”.

Essas preocupações existem! Por mais que seja estranho em pleno século XXI saber que muitos jovens estão fora dessa realidade, esse mundo virtual não é tão novo assim, pois no final da década de 90 tivemos o estouro da bolha da internet, especificamente em março do ano 2000. Mas ainda hoje, muitos não sabem sequer acessar um e-mail. Para tentar dirimir este problema, o governo do Paraná em parceria com o Google ofertou uma conta de e-mail a todos os estudantes e professores da educação básica estadual. Foi a primeira vez que muitos leram a palavra e-mail.

Isso parece muito assustador, parece inclusive mentira, mas foi a realidade no Estado do Paraná também. Noutros estados essa situação talvez seja mais desafiadora ainda. A experiência que tivemos ao levar alguns alunos ao laboratório para acessar pela primeira vez o seu e-mail, chamado no Paraná de @escola, foi incrível. Esse era apenas o primeiro passo, o mais desafiador vinha na sequência: saber usar, fazer o login com esse e-mail no aplicativo chamado Google Sala de Aula, que a maioria prefere dizer Google Classroom, o que já dificulta mais ainda a vida de alguns estudantes e professores que não se sentem confortáveis com a americanização da nossa língua que possui todas as palavras para nos comunicarmos, mas mesmo assim, preferimos por vezes abraçar o

estrangeirismo. E não estamos falando de mimimi aqui, é uma realidade social grave, séria e enfrentada com naturalidade, mas não é natural.

A vida e dificuldades do outro não podem ser banalizadas porque alguns possuem acesso e facilidade. Não podemos também nos enganar pensando que essas dificuldades são apenas dos estudantes. O que relatamos sobre os alunos é também verdade para alguns professores. Muitas vezes na convivência com o estudante o principal destinatário das novas descobertas sobre as diversas tecnologias é o professor. Segundo Fazenda “não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se... Todo o indivíduo engajado nesse processo será o aprendiz” (1992, p. 56). E aos poucos esse engajamento vai se tornando mais familiar, mais próximo até chegar ao ponto de ser o impulso de transformação que nos permite superar os desafios da contemporaneidade que nos faz partícipes da transformação em conjunto. Estudantes e professores estão no mesmo processo da possibilidade do aprendizado.

Essa sociedade em que vivemos é uma sociedade da contradição na perspectiva de que os modelos de escola, ensinar, aprender, relação com os estudantes estão em constante devir. Aquele momento de certezas que sempre ouvimos alguns falarem, não existe mais. “Mas na minha época...”, quem nunca ouviu isso ou até mesmo disse várias vezes aos estudantes quando queria mais silêncio e respeito em sala ou quando queria impor uma autoridade que deve ser construída para ser respeitada, não temida. É por isso que a proibição é mais fácil que o diálogo, pois não nos compromete. No diálogo também precisamos estar abertos a ceder e isso é impensável para alguns, pois ainda se consideram detentores do poder e conhecimento. A forma dialógica de pensar é inclusiva, ou seja, inclui também os contrários e os contraditórios e os convidam à integração. É saudável que os professores aprendam a criar um espelhamento (*rapport*)² com os estudantes e trazê-los para uma realidade educacional solidária.

² Rapport é um conceito psicológico que se refere à relação de confiança e empatia estabelecida entre duas pessoas. Trata-se de uma conexão interpessoal que permite que as

Isso inclui o dever do professor também saber dizer não, mas também reconhecer que erra, que pode aprender com os estudantes, que pode fazer acordos que sejam bons para todos. Assim se alguém não cumprir as regras precisará saber que arcará com as sanções do descumprimento, ou seja, tornar-se responsável pelos acordos, mas não podemos dar imunidade aos professores sempre. Eles também fazem parte do todo, dos acordos, contratos e devem ser os primeiros a ensinar como se faz e como se pensa a coisa certa, ou seja, com o exemplo. Se o professor diz “não”, este “não” deve ser explicado, revelados os motivos e incluir o estudante na moralidade das regras. A relação é profissional, mas também afetuosa, assim incluiremos mais pessoas na ideia de que estamos criando um espelhamento entre todos e que somos um grupo.

A maneira de ensinar também reflete a maneira de aprender. Exigir do estudante que ele decore algo só porque deve decorar não vai fazê-lo crescer em maturidade, mas poderá repeli-lo, ver no professor apenas a imagem dos pais ou de alguém que quer mandar neles. A própria inclusão deve começar pela forma como lidamos com a maneira que ensinamos. Por exemplo:

Somos umas das nações que mais utiliza os telefones celulares. E com a revolução tecnológica, é possível ter acesso por meio dele a, praticamente, tudo sobre história, atualidades, ciência, filosofia. Sendo assim, por que os alunos ainda precisam decorar as margens dos afluentes do Amazonas e a tabela periódica? Pelo seu próprio celular ele sabe que a qualquer momento ele pode conferir essas informações na palma da mão. Os alunos precisam é ser instruídos a selecionarem e filtrarem os conteúdos que já estão disponíveis na internet. As escolas precisam se dar conta desse contexto e trabalhar dentro de uma lógica de atividades que foquem nos interesses dos alunos, mas claro, sempre considerando os parâmetros curriculares (MOSE, 2013).

peças se comuniquem e interajam de forma mais efetiva, criando um ambiente de colaboração e cooperação. O termo “rapport” tem origem no francês e significa “relação” ou “conexão”.

Assim, criaremos uma cultura crítica em diálogo. Deixaremos de lado os paradigmas imperativos para abriremos a uma educação que cultiva autonomia. Nem todos possuem estes aparatos tecnológicos, mas isso não é impedimento para ajudarmos alguns a serem alfabetizados digitalmente também. Uma escola com um excelente laboratório pode muito bem ser mais excludente pela prática dos professores que outra que possui poucos e simples equipamentos. O que queremos dizer é que a forma que o professor aborda estas questões, a maneira que ele chega em seus alunos ficará marcada para sempre na vida acadêmica de cada estudante.

A realidade da pandemia nos colocou diante de algumas questões importantes: muitos estudantes não estudaram desde o início da quarentena. Ou porque não possuíam celulares ou porque não conseguiam acompanhar pelo computador ou materiais impressos disponibilizados sem a presença do professor. Alguns fizeram as atividades apenas para evitar as faltas, mas de uma maneira mecânica para se verem livres. Bastava entrar no Google Sala de Aula, marcar qualquer alternativa da questão para ter uma presença. Resultado disso, não estávamos ensinando e, pior, estávamos excluindo todos esses alunos de um processo educacional justo e eficaz. A possibilidade da retomada das aulas em setembro do mesmo ano ou no ano seguinte, não sanaria essa lacuna na formação desses alunos. Para uns foi um ano perdido, para o Governo, foi um ano que funcionou, no fim, não pudemos sequer apresentar reprovações, a culpa não foi dos professores, tampouco dos alunos, mas tivemos um bode expiatório para sanar todas as problemáticas ao final do ano de 2020, a COVID-19.

Alguns, representados pelo sindicato dos professores, lutavam pelo cancelamento do ano letivo. Afirmavam que não seria perder um ano, mas evitar mais problemas como estávamos vivenciando. Mesmo com a possibilidade de buscar as atividades no colégio, muitos não o fizeram. Os professores foram “vigiados” pelos comentários que postavam no Google Sala de Aula, se o professor não postasse um comentário no mural da turma no dia de aula, isso lhe gerava uma falta, mesmo se ele passou o dia todo

lendo e elaborando atividades para encaminhar aos alunos, mas, se deixasse de dar um bom dia no mural, ganharia uma falta e com ela perdia uma série de direitos que já são escassos. Esse foi um pouco do panorama que a educação no Paraná vivenciou.

Não nos enganemos que a exclusão ou inclusão seja apenas sobre os alunos. Muitos professores se endividaram para poder acompanhar as orientações do seu trabalho, tiveram que comprar um celular novo, um computador melhor ou fazer algum *upgrade*, melhoria em seus equipamentos eletrônicos. Nessa época os professores perderam o sentido literal de sua carga horária e passaram a trabalhar praticamente em tempo integral. Integral em todos os sentidos da palavra. Pois além de terem que ficar ligados no aplicativo, tinham ainda o sistema do Estado para ser alimentado com conteúdos e faltas, e se não bastasse, alguns estudantes conseguiram não se sabe como, o número do WhatsApp de alguns professores que em meio a tantas plataformas também se transformou, para alguns, em uma ferramenta pedagógica. Tudo isso foi para a comunidade acadêmica uma grande crise causadora de uma angústia que desencadeou sintomas de todos os tipos de males físicos e psicológicos. Mas foi ignorado por alguns gestores, inclusive pais que continuaram trabalhando e não conseguiam entender o porquê dos professores não poder fazer o mesmo. Para alguns, os professores em casa eram interpretados como se estivessem de folga ou férias, mas sabemos que essa não foi a verdade.

Nos atrevemos a dizer que a carga horária dos professores mais que dobrou, por vezes triplicou para dar conta de tantas plataformas e respostas a tantos alunos que diariamente entravam em contato para sanar alguma dúvida ou simplesmente desabafar do cansaço e quantidade de atividades que a própria SEED enviava diariamente.

DIANTE DOS DESAFIOS, HÁ UMA LUZ?

Numa primeira tentativa de apontar um caminho em meio ao caos da pandemia causada pela COVID-19 precisamos começar a mudar as perspectivas de análise de nossas práticas pedagógicas, ou seja, acreditarmos que é preciso perpassarmos por tantas mudanças para aprendermos como viver e conviver nesse novo mundo. Muitos esperavam voltar ao normal, mas não há um normal para voltar. Tudo está modificado. As relações humanas também passaram por mudanças e não podemos nos apegar às crenças de que de repente voltaríamos para as escolas e tudo continuaria bem, isso é uma ilusão! Passando por uma fusão de mundos durante a pandemia.

16

Mas de que mundo estamos falando? Como definir este momento em que estamos? Uma das expressões mais comuns nos dias de hoje é justamente que: o mundo é uma grande rede! E por rede, graças ao bom português, temos não apenas uma, mas várias significações. Tanto estamos nesta rede, quanto nos comunicamos por ela. E ainda é possível que alguns estejam à margem de nossa rede, ou seja, sequer sabem o que se passa entre os que estão conectados ou se conectando (LACERDA; TEDESCO, 2020, p. 269).

Se estamos todos numa grande rede, é preciso então que haja comunicação compreensível efetiva entre todos. Se os signos mudaram, precisamos acompanhar as mudanças e atualizar nosso mundo nessa nova cosmovisão em rede. Assim como uma grande rede de computadores, captamos, assimilamos e compartilhamos novos conhecimentos todos os dias. É verdade também que alguns podem não conseguir se conectar nesta rede, mas a palavra de ordem agora é solidariedade. Não só ajudar a todos a decifrar esses novos códigos sociais de uma sociedade submersa no medo diante de uma pandemia, mas aprender a comunicar melhor. Talvez essa seja a grande competência a ser desenvolvida nesse nosso século e propriamente após a pandemia, aprender a se comunicar.

Se o nosso espaço físico foi modificado, ou melhor, ampliado, precisamos então compreender melhor que lugar é esse e qual é o nosso novo papel nesse espaço. Mas sobre qual espaço, lugar estamos falando? Todos os lugares, físicos e virtuais, ou seja, a grande rede, que Pierre Lévy chama de ciberespaço e conceitua da seguinte maneira:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (1999, p. 17).

Dessa forma, como havia mencionado acima, não temos mais, ou não podemos ter mais nenhuma das certezas que guiavam o nosso mundo. Porque agora como estamos todos interconectados, cada mudança que essa rede sofre, faz com que todos nós também sejamos impactados com essas mudanças. A vida passa a ser uma incógnita diante de uma rede que facilita e ao mesmo tempo modifica a nossa vida, exigindo de nós cada vez mais a saída ingênua do trato conosco mesmo e com os que estão conectados conosco em rede. Nesse ciberespaço é preciso reconhecer sobretudo a nossa identidade cultural para que ao fundir com as demais, ela possa agregar, mas não dispersar.

As reflexões de Freire são tão atuais que podemos citar ainda as exigências de ensinar como um compromisso de assumir a nossa identidade cultural. E ele vai além dizendo que:

o verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume [...]. Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora

ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante e comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar (1996, p. 46).

Assumir a nós mesmos não implica em exclusão de ninguém. Estar inserido nessa cibercultura e ter a consciência de que é uma peça importante não só para nós, mas para toda a rede é um ato de consciência ética. Ou seja, nesse novo mundo onde a tecnologia se espraia numa velocidade quase impossível de se acompanhar, a ética precisa ser colocada em discussão pois enfrentamos novos desafios e para isso também precisamos de uma nova ética.

Não podemos nos escorar nos impactos negativos de toda a crise que passamos, todos os impactos possuem seus dois lados e é possível aprender com as tragédias e ressignificar a vida e nossas relações éticas, profissionais e afetivas. O momento que passamos exigiu de nós conexão com toda a rede, nos ensinou a identificar e vencer obstáculos. Precisamos agora pensar mais na metáfora da rede. Quando alguém deixa de sentir pertencente a essa grande rede que ilustra as nossas relações, essa pessoa simplesmente pensa em se desconectar, se retirar, ou tirar a própria vida. Não é difícil pensar em suicídio quando não se tem o que comer, quando o que exige de nós é mais do que podemos dar, ou seja, todas as conexões deixam de fazer sentido. Onde está a luz?

Para iluminar nossa reflexão precisamos pensar que, mesmo utilizando o tempo todo metáforas de máquinas para ilustrar o momento em que passamos e a cibercultura, não podemos pensar no outro como uma máquina. Precisamos pensar uma relação estudante-professor que perpassa pelo caminho das emoções e da acolhida, algo que a máquina não poderá substituir e que muitas vezes em casa, durante a pandemia, o estudante também não vivia ou não teve a oportunidade dessas experiências de acolhida. A escola precisa ser o espaço onde o estudante encontre as formas mais instigantes para desenvolver suas competências tanto

cognitivas, quanto emocionais e com a ajuda dos professores. E podemos começar a qualquer momento promover essas experiências, a escola não é mais o prédio físico somente. Ela se estende e querendo ou não, nossa casa e a forma que nos comunicamos também comunica a escola, as emoções, a acolhida solidária. Os professores são os mediadores do conhecimento inseridos no ciberespaço.

isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer, em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “banquearismo” (FREIRE, 1996, p. 13).

E quando ouvimos que estávamos perdendo tempo tentando nos comunicar com os alunos nesse período de quarentena da pandemia, nós poderemos dizer o contrário, estávamos ganhando oportunidades de proporcionar criatividade, autonomia. Sair de uma educação bancária para uma educação solidária. As disciplinas que ministramos são apenas oportunidades para chegarmos em cada casa, em cada lugar desse ciberespaço, em cada estudante. Não fazemos ideia de como e onde chega uma mensagem nossa, um vídeo, um texto, como ele é recebido, enfim. Insistir em manter uma educação bancária é dar murros em ponta de faca. Nós não podemos desejar atividades para manter os estudantes ocupados. Precisamos desejar atividades que desenvolvam as competências e habilidades necessárias para eles saberem agir, cuidar da própria vida, serem bons cidadãos. As atividades não devem ser elaboradas como sinônimas de um castigo, mas como um caminho de luz, de possibilidades de crescimento e autonomia para que nesse caminho nasça

a consciência e esperança de querer continuar acreditando em um presente melhor em perspectiva de um futuro cada vez mais saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo deste artigo, que foi elaborar uma análise da prática pedagógica diante de situações extremas como uma pandemia, chegamos ao consenso de que as mudanças sempre fizeram parte da nossa vida e da vida acadêmica, educacional, mas a resistência do novo fez que muitos se acomodassem em práticas confortáveis para continuar o trabalho pedagógico. Funcionou assim por muitos anos então funcionará sempre. Esta afirmação é uma grande ilusão, pois o tempo muda tudo, inclusive as relações de ensino. Aprender e ensinar não pode ficar estagnado numa proposta apenas e muito menos numa proposta elitista em uma sociedade tão desigual.

O autoritarismo na educação impede o crescimento como pessoa e como um ser crítico e autônomo, pois ele desenha sempre uma imagem de uma classe privilegiada e faz que todos desejem chegar a este ponto, mas não podemos ter um modelo apenas quando estamos falando de uma pluralidade de ideias e condições econômicas, psicológicas, étnicas e de diversas outras variedades. Precisamos mais que nunca compreender a ideia de rede, ciberespaço e lutar para que todos estejam conectados e se construam partícipes desse processo de crescimento, o que nos levará à inclusão.

Por outro lado, apresentamos a ideia de educação solidária que só é possível com a efetiva inclusão e empatia das partes. Não vivemos um momento de competição sobre quem possui a melhor formação ou educação, estamos num novo momento de agregar experiências para uma fusão de horizontes. Por isso a estratégia de utilizar os conteúdos das disciplinas como oportunidades de chegarmos aos lares para construir, mais que um reprodutor de nosso conteúdo, um cidadão capaz refletir a própria

prática. Mas esse propósito só será efetivado quando aprendermos a nos comunicar melhor através da empatia. Essa comunicação não verá o estudante como uma caixa onde depositaremos os nossos conteúdos, mas o verá como um outro eu na medida em que compreendo que estar em rede é estar em constante troca de experiência onde o que o outro aprende, sofre, faz, reflete em toda a estrutura.

REFERÊNCIAS

ASSMAN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 18.118/2014** de junho de 2014. Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos no Estado do Paraná. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=271853>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

CETIC. TIC Educação 2018: cresce interesse dos professores sobre o uso das tecnologias em atividades educacionais. *In.*: CETIC.BR, Julho de 2019. Disponível em: <https://cetic.br/noticia/tic-educacao-2018-cresce-interesse-dos-professores-sobre-o-uso-das-tecnologias-em-atividades-educacionais/>. Acesso em: 01 de ago. de 2023.

DIDONET, Vital. Por uma escola do nosso tempo. *In.*: **Caderno ASLEGIS 4 - A educação no Brasil**, maio/jun, 1998. Disponível em: https://www.aslegis.org.br/files/cadernos/1998/Caderno4/Por_uma_escola_d_e_nosso_tempo.pdf. Acesso dia 29 de jun. 2023.

FAZENDA, Ivanir C. **A integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

TEDESCO, Anderson Luiz; LACERDA, Tiago Eurico de. Práticas pedagógicas em tempo de cibercultura. *In.* TEDESCO, Anderson Luiz (Org.); LACERDA,

Tiago Eurico de (Org.). **Educação digital e práticas pedagógicas**: volume II. Curitiba: Bagai, 2020.

VIVIANE, Mosé. Nossos alunos precisam saber criar conhecimento. 2013. *In.*: **Porvir**. Disponível em: <http://porvir.org/porpensar/nossos-alunos-precisam-saber-criar-conhecimento/20130909>. Acesso em: 18 junho 2023.